

HISTORIOGRAFIA DA ARTE PORTUGUESA NO SÉCULO XX

Margarida Calado

Pretendemos iniciar aqui uma série de notas bio-bibliográficas sobre historiadores da arte portuguesa, desafiando outros a que também contribuam para um estudo que está por fazer sobre um século que agora chega ao fim. Escolhemos o professor Jorge Henrique Pais da Silva, porque foi o nosso mestre e orientador da tese de licenciatura; também lhe devemos a entrada como assistente para Belas Artes.

Pais da Silva – notas e memórias à margem de uma carreira

Jorge Henrique Pais da Silva nasceu em Lisboa a 8 de Julho de 1929 e faleceu na mesma cidade a 23 de Setembro de 1977. Licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas, em 1955, com uma tese intitulada “Subsídios para o Estudo do Barroco na Maia”,¹ com orientação do professor Mário Chicó.



Iniciou a sua carreira como professor do ensino liceal, em 1956, mas dois anos depois transitou para a Escola Superior de Belas Artes do Porto, a convite do arquitecto Carlos Ramos, onde permaneceu até 1965-66 como docente do 8º grupo (História da Arte e Estética). Nesse mesmo ano foi encarregado de curso na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e logo no ano seguinte, em que veio para Lisboa, como Director-Adjunto do Serviço de Belas-Artes da Fundação Gulbenkian, passou para a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a convite da professora Virgínia Rau, onde substituiu o professor Mário Chicó, afastado um ano antes por doença e entretanto falecido. Leccionava as cadeiras de História da Arte (que para além de ser cadeira obrigatória do 2º ano da Licenciatura em História, era opção para várias outras licenciaturas) e História da Arte Portuguesa e Ultramarina, cadeira do 3º ano de História; orientava também os seminários de

5º ano. Foi nesse ano lectivo de 1966-67 que o conhecemos como professor, no velho Anfiteatro I da Faculdade de Letras. A partir de 1967, foi Professor de Cadeira Anexa (Grupo de História) Sub-secção de História da Arte e Arqueologia, continuando com a regência das cadeiras de História da Arte e orientação de Seminários. Dirigia também o Instituto de História da Arte.

A sua carreira na Faculdade de Letras apenas foi interrompida no ano lectivo de 1970-71, em que regressou à Escola Superior de Belas Artes do Porto, em comissão de serviço, como seu Director. Em Junho desse ano de 71, tivémos o gosto de o visitar na Escola do Porto, também para lhe dar conta do andamento da nossa tese de licenciatura.

Um dos grandes méritos do professor Pais da Silva foi a sua acção pedagógica, não só enquanto docente da Escola de Belas Artes do Porto, junto de artistas plásticos que não esqueceram o seu ensino, mas sobretudo na Faculdade de Letras de Lisboa, onde deixou uma geração de discípulos que puderam fazer renascer das cinzas a história da arte portuguesa depois da situação em que esta disciplina ficara com os óbitos suces-

¹ Publicada em *Páginas de História da Arte*, vol. II, Lisboa, Editorial Estampa, 1986, “Imprensa Universitária” nº 54

sivos ao longo da década de 70 (Reynaldo dos Santos, Santos Simões, Luís Reis Santos, Robert Smith, entre outros), que culminaram com a sua própria morte em 1977. São discípulos seus que ocupam hoje – muitos já doutorados – lugares de docência na Faculdade de Letras de Lisboa, na Faculdade de Belas Artes e na Faculdade de Arquitectura, mas também surgem integrados nos quadros dos Museus ou desempenhando até cargos políticos de vertente cultural. Além disso, com a criação de disciplinas de História de Arte no ensino secundário, muitos dos ex-alunos de Pais da Silva, licenciados em História, optaram pelo ensino destas disciplinas e continuam o seu método, usando as imagens na sua tarefa docente.

Um dos aspectos fundamentais do seu ensino residia precisamente na importância dada à imagem. As suas aulas eram sempre acompanhadas pela projecção de diapositivos, que revelavam também um cuidado estudo directo das obras, e que nos permitiam fixar, através da memória visual, as suas ideias. De facto, nunca pudemos compreender como é possível ensinar história da arte sem imagens e neste aspecto, seguimos-lhe o método.

Para isso, viajava, ou como bolseiro, ou a expensas próprias, tendo visitado várias vezes Itália, França, Espanha, Inglaterra, Alemanha, Bélgica, Holanda, Grécia, Brasil e Estados Unidos.

Privilegiando a arquitectura, dava uma importância fundamental à análise dos edifícios, debruçando-se quer sobre a arte medieval (românico e gótico), quer sobre o Renascimento e Maneirismo, período da arquitectura portuguesa que re-interpretou em termos inovadores. Mas como abordava Pais da Silva cada edifício? Deixemo-lo falar: “Para Élie Lambert existem três processos de descrever o edifício: cronológico, topográfico e comparativo. Cremos que o eminente medievalista não encarava a possibilidade de aqueles processos poderem ser conjugados em uma só mecânica, a que acrescentaríamos uma rigorosa leitura arqueológica. Parece-nos que análise e síntese são complementares e indissolúveis no ensaio de conquista integral de mensagem da obra, na aproximação da compreensão do seu legado. À fria leitura e ao exame minucioso há-de contrapor-se paralelamente a leitura da obra de arte no plano plástico, no domínio das formas. A descrição cronológica há-de conduzir necessariamente à narração topográfica; a integração do monumento no contexto monumental regional, à escala da nação ou continental tem de levar à comparação com o património monumental de outras zonas e a fazer realçar o que de criação existe no edifício ou o que nele é adaptação mais ou menos integrada de propostas estranhas”.²

Assim Pais da Silva aparece-nos – e isso se deduzia das suas aulas – como um formalista puro (ver programa anexo). Mas, na realidade, não o era. Sabemo-lo hoje, confrontando a sua biblioteca e as memórias dos que mais de perto com ele conviveram. Ao contrário do que era tradicional entre nós, de quem já Eça de Queirós dizia que éramos um “país traduzido do francês”, Pais da Silva privilegiava a cultura italiana e a anglo-americana. Entre os autores que preferia estavam Lionello Venturi, pela sua *História da Crítica da Arte*, e Giulio Carlo Argan, pela sua relação com a situação social, mas também pela importância dada à estética. Para ele, a filosofia era fundamental na interpretação da obra de arte. Também frequentou os cursos do Instituto Andrea Palladio em Vicenza, nos anos de 1967 e 1973, onde tinha oportunidade de ouvir e contactar com os historiadores italianos. Da Inglaterra, escolhia autores como Arnold Hauser, cuja obra sobre *O maneirismo* aconselhava a nível de Seminário, e também Nicolaus Pevsner, de que apreciava a concisão de obras como as *Perspectivas da Arquitectura Europeia*. Dos norte-americanos, é evidente a relação com George Kubler, de quem aliás traduziu a célebre obra *Portuguese Plain Architecture*, só publicada depois da sua morte, apesar de elogiada pelo próprio Kubler.

² Excerto de um texto intitulado “Introdução às Catedrais Portuguesas” in *Páginas de História da Arte*, vol. I, pp. 239-40, Lisboa, Editorial Estampa, 1986, “Imprensa Universitária” nº 53

Quanto à arquitectura contemporânea, preferia os arquitectos nórdicos, como Alvar Aalto e muitos outros, cuja obra admirava, não sendo por acaso que entre os seus últimos textos, estão dois estudos sobre arquitectura moderna Portuguesa: “Arquitectura e Urbanística em Portugal Continental (1945-1972)”, escrito a pedido do S.E.I.T., mas na altura considerado polémico. Guardado na gaveta por imposição do regime, foi revisto pelo autor em 1977, mas só viria a ser publicado em 1979, já depois da sua morte;³ o segundo texto, curiosamente iniciado com duas citações, de Siegfried Giedion e de Leonardo Benevolo, o que comprova o que afirmámos sobre os seus modelos anglo-americanos e italianos, foi escrito a pedido do Ministério das Obras Públicas, em 1974, e intitula-se “Faculdade de Economia da Universidade do Porto – Para uma Leitura”, vindo a ser publicado na Revista *Binário*, em 1977.⁴ Bastante curioso o comentário final a este edifício do arquitecto Viana de Lima, que se integra numa velha polémica sobre as qualidades da nossa arquitectura, já levantada por Joaquim de Vasconcelos e Raul Lino, embora numa perspectiva bem diversa: “Estaremos, porventura, em presença de um outro testemunho da especial vocação do português, frequentes vezes registada na História, de pensar a arquitectura segundo rigoroso sistema geométrico linear. Cartesianismo? Ou a velha cepa romano-albertiana transposta para o húmido litoral do Noroeste do País?

³ *Páginas de História da Arte*, op. cit., vol. II, pp. 165-172

⁴ *Ibidem*, pp. 183-192

⁵ *Ibidem*, p. 192

Talvez mais simplesmente, portuguesismo da arquitectura portuguesa.”⁵

O interesse por esta questão do “portuguesismo da arte portuguesa” foi demonstrado noutros escritos, reunidos no volume I das *Páginas de História da Arte*, na parte III, sob o título “Reflexões em torno do Portuguesismo da Arte Portuguesa” onde, além deste texto se inclui o “Prefácio a um volume sobre “Arte Portuguesa” previsto na *Enciclopédia Meridiano*” e o “Esquema da trajectória da arquitectura portuguesa”.

No primeiro, alerta para o facto que uma **História da Arte Portuguesa** deveria abranger “não apenas o património artístico do Continente, mas ainda todo o acervo resultante da difusão da actividade artística nacional iniciado no século XV na África ao norte do Saara e com importantes áreas de implantação, desde o Maranhão e do Rio de La Plata a Cabo Verde e de Moçambique ao subcontinente hindu e ao Arquipélago de Sonda.” A falta de estudos monográficos sobre arte portuguesa – estava-se em 1977 – dificultava a elaboração de panorâmicas e fazia supor que existia “uma só corrente de gosto genuinamente portuguesa – o Manuelino”. E explicita: “O gosto da talha dourada, a insistência no azulejo, a escala miúda das peças de estatuária, o antidramatismo da arte religiosa, o racionalismo e o utilitarismo de arquitectura, o exibicionismo de certa escultura monumental setecentista, etc., não caracterizam a arte portuguesa?”⁶

⁶ *Páginas de História da Arte*, op. cit., vol. I, pp. 231-232

No segundo texto citado, procura seleccionar nove datas da história de Portugal, de 1128 a 1910, cada uma correspondente a um século da nossa história, e sintetiza os principais aspectos artísticos de cada fase.⁷

⁷ *Ibidem*, pp. 233-37

Recusava portanto a cultura francesa, nomeadamente Élie Faure, que proscovia da sua bibliografia, porque considerava um esteta e entendia que a história de arte deve obedecer a uma metodologia mais objectiva. Já depois de 1974, perante a obra de Nicos Hadjinicolaou, *Histoire de l'art et lutte des classes*, considerava-a demasiado radical na crítica ao conceito de estilo e na criação do conceito de *idéologie imagée*.

Sem dúvida adepto de uma história social de influência marxista, como o provam a preferência por Argan e Hauser, não podemos esquecer que Pais da Silva exerceu a sua profissão num tempo em que tais preferências poderiam levantar suspeitas, que em muitos casos podiam ir até ao afastamento da carreira. Por outro lado, também entendemos que a história da arte começa sempre pela análise da obra de arte, esse é o seu objecto privilegiado e para isso preparou os seus alunos.

⁸ [Pais da Silva], *História da Arte*, Faculdade de Letras de Lisboa (texto policopiado, "sebenta" autorizada, elaborada a partir de apontamentos das aulas), p. 9

Partindo de um conceito de História da Arte – “A História da Arte é um sector da investigação histórica que tenta reconstituir o passado artístico dos homens, sejam quais forem as atitudes ou o local onde foram realizadas”⁸ – Pais da Silva conduzia-nos numa viagem vertiginosa que partia da arte pré-histórica e chegava à época contemporânea, com o cubismo, o surrealismo e a arte não-figurativa, a nível da pintura, Henry Moore e Alexander Calder, para a escultura e, no campo da arquitectura, Le Corbusier, Frank Lloyd Wright, mas também Óscar Niemeyer e Lúcio Costa, Nervi e, de um modo geral, as soluções britânicas e o seu impacto a nível mundial.

De notar que ao longo desta “viagem” sempre procurava demonstrar que “desde início encaramos duas atitudes fundamentais do homem perante a interpretação da natureza:

- A atitude do artista que tenta aproximar-se do real;
- ...uma atitude tendente à estilização das formas e ao afastamento do real.

Essas duas atitudes encontram-se numa situação de paralelismo em quase todos os momentos da História da Arte.”⁹

⁹ *Idem, ibidem*, pp. 11-12

Evidentemente que assim nos procurava sensibilizar para a questão da arte moderna não-figurativa, procurando libertar-nos do preconceito, tão arreigado na nossa cultura, que a qualidade da arte se prende com a capacidade de imitação da natureza.

Por isso, as aulas práticas eram dadas em contacto directo com as obras e, se em História da Arte era ele o orientador, no ano de Arte Portuguesa e Ultramarina, éramos nós, os alunos, que preparávamos as aulas: a Sé de Lisboa, a pintura Portuguesa dos séculos XV e XVI no Museu Nacional de Arte Antiga, os Jerónimos e a Torre de Belém, S. Roque e S. Vicente de Fora eram algumas das visitas obrigatórias, para além de uma, extra-curricular, a Alcobaça e à Batalha. De destacar era a visita, no final do ano de História da Arte, ao atelier do professor Lagoa Henriques, que permitia a alunos da Faculdade de Letras o contacto directo com um artista vivo, mas também um notável pedagogo e o acesso a um espaço que era no seu conjunto também uma “obra de arte” (infelizmente destruído posteriormente por um incêndio). Um exemplo da forma como orientava as visitas é o texto publicado em *Estudos sobre o Maneirismo*, sob o título “Dezoito perguntas e dezoito respostas sobre a Igreja de S. Vicente de Fora em Lisboa”,¹⁰ integrado já no Seminário de Arte do Renascimento e Maneirismo, no ano lectivo de 1976-77.

¹⁰ 2ª ed., Lisboa, Editorial Estampa, 1986, Imprensa Universitária, nº 29

Um dos aspectos interessantes do seu programa de Arte Portuguesa era a leitura, recomendada no início do ano, da obra de Orlando Ribeiro, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, o que demonstra a importância dada, sobretudo a nível da arquitectura e do urbanismo, das características geo-morfológicas do território.

Logo na primeira aula do ano, caracterizava os dois aspectos, do Portugal Atlântico e do Portugal Mediterrânico, e afirmava ser necessário “atender não só ao clima mas aos recursos geológicos, aos materiais: granitos, xistos, calcários, etc.”.

Considerava que da Idade Média ao século XIX, a sequência de estilos artísticos acompanhava a trajectória da arte europeia, mas a “partir da arte naturalista não há registo na actividade portuguesa de todos os movimentos europeus.”

Dividia a história da arte portuguesa em dois grandes ciclos, “em função da área ocupada pela actividade artística: 1º período – circunscrito a Portugal Continental; 2º período – a partir do século XV em que artistas portugueses são solicitados a acompanhar a expansão portuguesa”.¹¹

¹¹ Apontamentos das aulas de História da Arte Portuguesa do ano lectivo 1967/68

Após Abril de 1974, foi também responsável pela criação de uma Pré-especialização em História da Arte, com dois níveis de Seminário sobre o Renascimento e Maneirismo, especialização pioneira na área da História da Arte, mais tarde, já depois

da sua morte, concretizada na variante em História da Arte, da licenciatura em História.

No ano de 1969-70, os seminários de licenciatura estavam divididos em dois grupos, um dedicado ao estudo do maneirismo, que seguimos, e outro, a estudos de urbanismo. No entanto, já nessa altura devíamos realizar um trabalho de investigação sobre conservação do património artístico, questão completamente nova e ausente das preocupações governamentais, talvez quase subversiva. Testemunho desse interesse continuado é a sua participação em congressos, tendo sido delegado nacional, em 1975, ao Congresso Internacional do Ano do Património Arquitectónico Europeu, em Amsterdão, e estando presente, também como delegado nacional, à Reunião da Organização do Ano do Património Arquitectónico Europeu, em Paris. Finalmente, legou-nos a sua perspectiva com a publicação da obra *Pretérito Presente*, que se pode considerar uma obra-chave na orientação da defesa do património cultural, dado que é pioneira na apresentação de uma teoria, distinguindo a conservação do grande monumento daquilo que é a conservação integrada, e chamando a atenção para a importância da memória histórica no equilíbrio das populações.¹²

¹² Pais da Silva, Jorge Henrique, *Pretérito Presente (Para uma teoria da preservação do património histórico-artístico)*, Lisboa, Comissão Organizadora da Campanha Nacional para a Defesa do Património, 1981

ANEXO I

Curriculum Vitae

(Escrito e anotado pelo Professor Pais da Silva)



Jorge Henrique Pais da Silva

Nascido em Lisboa (8 de Julho de 1929)

Licenciado em Ciências Históricas e Filosóficas

Exercício de funções docentes

Liceu Camões	1956-57	4º grupo
Liceu Normal Pedro Nunes	1957-58	4º grupo
Liceu Gil Vicente	1958	
Escola Superior de Belas Artes do Porto	1958-59 e 1965-66	8º grupo
Faculdade de Letras da Universidade do Porto	1965-66	Encarregado de curso
Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa	1966-67	Assistente
Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa	desde 1967	Professor da Cadeira Anexa (Grupo de História) Sub-secção de História da Arte e Arqueologia

Docência na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

A) 1966-74

História da Arte

História da Arte Portuguesa e Ultramarina

Direcção de Dissertações: Seminário de História da Arte

História da Arte em Portugal (Curso de Língua e Cultura Portuguesa para alunos estrangeiros promovido pelo Instituto de Alta Cultura).

História da Arte em Portugal (Curso de Férias de Verão para alunos estrangeiros).

Direcção das visitas de estudo.

Direcção de visitas de trabalho em todas as cadeiras apontadas.

Direcção do Instituto de História da Arte.

B) Em 1975-76:

- História da Arte Portuguesa

- Seminário de Arte do Renascimento e do Maneirismo em Portugal nível I

- Seminário da Arte do Renascimento e do Maneirismo nível II

- Curso da Arte Portuguesa (Curso de Língua e Cultura Portuguesa)

- Direcção do Instituto de História da Arte.

Comissões de serviço

Director da Escola Superior de Belas Artes do Porto (1970-71).

Estudos sobre História da Arte

1955 - *Subsídio para o estudo do Barroco no concelho da Maia* (não publicado)^{a1}
Faculdade de Letras de Lisboa.

- *Arquitectura maneirista Portuguesa*

in *Boletim Cultural do B.N.U.*, 7, Lisboa^{a2}

1957 - *Sobre a Arquitectura Maneirista, I*

in "*Arquitectura*", nº 59, Lisboa^{a3}

1958 - *Sobre a Arquitectura Maneirista, II*

in "*Arquitectura*", Lisboa^{a4}

1959 - *Os retábulos de talha na Maia*

in *IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, Salvador^{a5}

- *Fontes Medievais da Arquitectura da companhia de Jesus no Mundo Português*

in "*Bracara Augusta*", XVIII-XIX, Braga, (1965)^{a6}

1961 - *Notas sobre a arquitectura dos Jesuítas no espaço português*

in "*Museu*", Porto^{a7}

1965 - *Notícia sobre uma igreja românica do Noroeste*

in *Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia*, Porto^{a8}

- *A arquitectura portuguesa na segunda metade do século XVI e os seus*

prolongamentos, in *Catálogo da Exposição "Aspectos da Arquitectura Portuguesa*

(1550-1950)", Rio de Janeiro^{a9}

- *A arquitectura nacional oitocentista e na primeira metade do século XX*

ibidem^{a10}

1966 - *Aspectos da Arquitectura maneirista do Noroeste de Portugal*

in *IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, Boston-Nova Iorque^{a11}

1969 - *Rotas artísticas no reinado de D. Manuel I* in "*Panorama*", IV, 32, Lisboa^{a12}

^{a1} Trata-se da tese de licenciatura, publicada postumamente em *Páginas de História da Arte*, vol. II

^{a2} Publicado em *Estudos sobre Maneirismo*, 2ª ed., p. 125

^{a3} *Ibidem*, p. 137

^{a4} *Ibidem*, p. 154

^{a5} Publicado em *Páginas de História da Arte*, vol. II, p. 147

^{a6} Publicado com alterações posteriores em *Estudos sobre o Maneirismo*, com o título "Notas sobre a Arquitectura dos Jesuítas no Espaço Português", 2ª ed., p. 201

^{a7} Ver nota anterior

^{a8} Publicado em *Páginas de História da arte*, vol. II, p. 45

^{a9} Publicado em *Estudos sobre o Maneirismo*, 2ª ed., p. 187

^{a10} Publicado em *Páginas de História da Arte*, vol. II, p. 161

^{a11} 1ª versão do texto, mais tarde acrescentado

^{a12} Publicado em *Páginas de História da Arte*, vol. II, p.75

- 1970 - Mário Chicó, in "Mário Tavares Chicó, in memoriam", Évora
- 1972 - Paço dos Duques em Guimarães, in *Palácios Portugueses*, S.E.I.T., Lisboa
(prémio José Figueiredo)
- *A arquitectura*, in "Retábulo de Santa Auta", Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Arte e Museologia, Lisboa
- 1973 - *Em torno da arquitectura setecentista portuguesa (Barroco e rococó)*
in *Actas do Congresso Internacional de Estudos em homenagem a André Soares*, in "Bracara Augusta", XXVII, tomo II, nº 64, Braga, (1974)^{a13}
- 1974 - *História urbana de Cascais*, in "Inquérito e análise para uma proposta de remodelação da baixa de Cascais", Lisboa^{a14}
- 1975 - *Sobre a arquitectura maneirista do Noroeste de Portugal*, in *Nova Terra*, 14-VIII e 11-IX^{a15}

A publicar

- *Comunicação ao Congresso Internacional do Ano do Património Arquitectónico europeu* (Amesterdão) [1975]*
- *Comunicação à 8ª Reunião da organização do ano do Património Arquitectónico Europeu* (Paris) [1975]*
- *Comunicação à 2ª Confrontação Europeia das Cidades Históricas* (Estrasburgo) [1976]**
- *Dicionário Ilustrado de Arquitectura* (ainda sem data)
- *Arquitectura e Urbanística em Portugal Continental, 1945-70* (1976)^{a16}
- *Faculdade de Economia da Universidade do Porto - análise arquitectónica* (1977)^{***a17}
- *Aspectos da Arquitectura maneirista em Portugal* (para Revista do Instituto do Património Nacional, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro)

Colaboração sobre História da Arte portuguesa e internacional em obras de grande consulta

- Cerca de setenta artigos, in
- Dicionário de Pintura Universal*, 2 vols., Lisboa^{a18}
- Dicionário da História de Portugal*, 4 vols., Lisboa^{a19}
- Enciclopédia Verbo*, Lisboa^{a20}
- Enciclopédia Jornal do Fundão*, Lisboa, (em vias de publicação)^{a21}

Traduções

- George Kubler, *Portuguese Plain Architecture*
Wesleyann University Press
Middletown, Connecticut, 1972
Editor Português: Livros Horizonte, 1ª., tradução ainda não publicada^{a22}

Outros trabalhos

- Consultor de História da Arte para os filmes documentários:
- "Arquitectura Gótica em Portugal" (1970)
- "O Manuelino" (1973)^{a23}

Comparticipação em grupos de investigação

- Junta Distrital de Lisboa - Serviços culturais: "Edifícios e Monumentos Notáveis de Lisboa" (2 vols. pub., Lisboa, 1973 e 1975)^{a24}
- Museu Nacional de Arte Antiga: Painéis de Santa Auta, 1972

^{a13} Publicado em *Páginas de História da Arte*, vol. II, p.139

^{a14} Publicado em *Páginas de História da Arte*, vol. II, p. 35

^{a15} 2ª versão do texto referido na nota 11, publicada em *Estudos sobre o Maneirismo*, 2ª ed., p. 215

^{a16} Publicado em *Páginas de História da Arte*, vol. II, p. 165

^{a17} Publicado em *Páginas de História da Arte*, vol. II, 183

^{a18} Entradas "Gruta de Lascaux", "Goya", "Naturalismo", "Pintura portuguesa do século XVI", "Pintura de Temas religiosos" publicadas em *Páginas de História da Arte*, vol.I

^{a19} Entradas "António Francisco Lisboa, o Aleijadinho", "Arte da Talha", "Convento de Mafra", "Filipe Terzi", "Maneirismo", "Neoclassicismo", "Rococó"

^{a20} Entradas "Afonso Domingues", "Andrea del Sarto", "Arte Gótica", "Barroco", "Barroco em Portugal", "Benvenuto Cellini", "Bramante", "Cimabue", "Os Clouet", "Donatello", "Duccio", "Dufy", "E. Mâle", "Estilo manuelino", "Fischer von Erlach", "Fr. Domingos da Conceição", "Fra Filippo Lippi", "Francisco de Holanda", "Gaspar Dias", "Grotresco", "Hans Holbein", "Indo-helenismo", "Inigo Jones", "João Frederico Ludwig", "Maneirismo", "Mateus Fernandes", "Mateus Vicente de Oliveira", "Mestre do Paraíso", "Mestre da Charola de Tomar", "Mosteiro dos Jerónimos", "Nartex", "Nicolau de Chanterène", "Ogiva", "Ordens arquitectónicas", "Palácio de Queluz", publicadas em *Páginas de História da Arte* quando não foi dada preferência às entradas mais recentes para a Enciclopédia do Jornal do Fundão

Em estudo:^{****}

- Projecto inter-escolar de ensaio de metodologia urbana (1976)

Colaboração no Instituto de Alta Cultura

- Comissão de Intercâmbio Cultural (1968)
- Organização dos núcleos de documentação fotográfica (Arte Portuguesa) destinados aos Leitorados de Português nas Universidades Estrangeiras (1968)
- Integrado na delegação nacional (sector de Belas Artes) nomeada para a revisão do Acordo Cultural entre Portugal e o Brasil, Rio de Janeiro, 1969
- Da comissão executiva do 7º Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (1971) (não realizado)
- Orientação de estudos de bolseiros nacionais e estrangeiros.

Realização de Cursos de extensão Universitária

- Museu nacional de Arte Antiga: Rumos da Arquitectura Portuguesa (1970)
- Fundação Calouste Gulbenkian: Trajectória da Arte Gótica na Europa Ocidental (1974)
- “ “ “ : Renascimento e Crise do Renascimento na cultura arquitectónica da Europa (1976)**

Conferências e palestras sobre História da Arte

- Escola Superior de Belas Artes do Porto
- Fundação Gulbenkian
- Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro
- Faculdade de Arquitectura da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro
- Escola de Belas Artes do Recife
- Museu Nacional Soares dos Reis, Porto
- Rotary Clube do Porto, etc.

Organização ou participação em exposições sobre História da Arte

- Lisboa - Museu Nacional de Arte Antiga
 - “A arte das Missões no Oriente Português”, 1957
 - “Fontes e Aquedutos”, 1966
- Instituto de Alta Cultura
 - “Escultura Belga Contemporânea”, 1969
- Faculdade de Letras
 - “Exposição de artes plásticas 1/4%”, 1969
- Biblioteca Nacional
 - “Doação Vilhena”, 1969
- Lisboa - Porto - Fundação Gulbenkian
 - Museu Nacional Soares dos Reis
 - “Património Arquitectónico Europeu” (sector português), 1976-77**
- Porto - Escola Superior de Belas Artes
 - Exposições Magnas (vários anos)
- Évora - Museu Regional
 - “Exposição de homenagem à memória do Prof. Mário Chicó”, 1969
- Rio de Janeiro - “A Arte Portuguesa 1550-1950”, 1965-66
- Boston - Universidade de Harvard
 - “Aspectos a Arquitectura Gótica Portuguesa”, 1966

^{a21} Entradas “Arte gótica”, “Arte gótica em Portugal”, “Convento de Cristo em Tomar”, “Estilo Manuelino”, “Maneirismo”, “Maneirismo em Portugal”, “Mosteiro a Batalha”, publicadas em *Páginas de História da Arte*
^{a22} Publicado em 1988 pela editora Vega
^{a23} Publicado em *Páginas de História da Arte*, vol. I, p. 61
^{a24} Artigos “Cerca Moura”, “Sé”, “Igreja de S.Brás e Santa Luzia”, “Igreja do Convento do Carmo”, “Janelas Quinhentistas da rua da Judiaria”, “Palácio Almada Carvalhais”, “Igreja de Jesus ou de Nossa Senhora das Mercês”, “Palácio dos Barões de Alvito”, “Palácio Alcáçovas”, “Palácio dos Capitães de S. João da Barra”, “Largo e Igreja de S. Paulo”, “Igreja do Corpo Santo”, “Igreja da Ordem Terceira de Jesus”, “Igreja de Santo António da Sé”, “Igreja de S. João da Praça”.

* Data acrescentada a lápis
 ** Todo este item está acrescentado a lápis
 *** Data emendada a lápis, de 1976 para 1977 e indicação in “Binário”
 **** Riscado a lápis está ainda: - Direcção geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Mosteiro dos Jerónimos

Comparticipação em seminários, colóquios, congressos e grupos de trabalho internacionais

- Lisboa - 3º Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, 1957
Braga - Congresso Histórico de Portugal Medieval, 1959
Évora - Congresso Internacional Comemorativo do 4º Centenário da Fundação da Universidade de Évora, 1959
Salvador - 4º Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, 1959
Porto - 4º Colóquio Português de Arqueologia, 1965
Boston - Nova Iorque - 6º Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, 1966
Vicenza - 9º Corso Internazionale di Storia d'Architettura (Istituto Andrea Palladio), 1967
Gand - 3º Seminário Europeu de Arte e Civilização na Bélgica, 1969
Braga - Congresso Internacional de Estudos em homenagem a André Soares, 1973
Vicenza - Ano palladiano (Istituto Andrea Palladio), 1973
Amesterdão - Congresso Internacional do Ano do Património Arquitectónico Europeu (Conselho da Europa), delegado nacional, 1975
Paris - Reunião da Organização do Ano do Património Arquitectónico Europeu, delegado nacional, 1975

Exercício de outros cargos

- Director Adjunto do Serviço de Belas Artes, Fundação Gulbenkian, 1965-66
- Vogal efectivo da Academia Nacional de Belas Artes
- Membro da Association Internationale Le Corbusier, Genebra
- Membro do Júri do Prémio Calouste Gulbenkian de Estética, História da Arte e Arqueologia, 1962-64
- Membro da Comissão consultiva para a atribuição de bolsas de estudo (Belas Artes) da Fundação Gulbenkian, 1969, 1970
- Membro da Comissão consultiva para a atribuição de bolsas de estudo (Arte) da Direcção Geral dos Assuntos Culturais, 1974, 1975
- Membro da Comissão Nacional do Ano do Património Arquitectónico Europeu, 1975-77
- Membro de Júris de concurso para professores de Arquitectura, Escola Superior de Belas Artes, Lisboa, 1969
- Presidente do Júri de concurso para professor de Pintura, Escola Superior de Belas Artes do Porto, 1971

Beneficiação de bolsas

- Admitido como "Visiting Research Fellow" no Departamento de História da Arte (Prof. George Kubler) da Universidade de Yale, New Haven, Conn., 1962.
Bolseiro da Fundação Gulbenkian (História da Arte) no estrangeiro (1962) e no país (1963).
Bolseiro do Instituto de Alta Cultura (História da Arte) no país (1967-70)
Equiparado a bolseiro do Instituto de Alta Cultura (1962, 1966, 1967, 1969, 1973).

Orientador de estudos de bolseiros nacionais e estrangeiros

- Instituto de Alta Cultura
- Fundação Calouste Gulbenkian
- Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

Visitas de estudo subsidiadas, ou não, a museus, monumentos, parques arqueológicos, centros de estudo, etc.

(individuais ou com alunos finalistas da Escola Superior de Belas Artes e da secção de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

1 - No país

2 No estrangeiro (Itália, França, Espanha, Inglaterra, Alemanha, Bélgica, Holanda, Grécia, Brasil, Estados Unidos, etc.).

ANEXO II

Programa de História da Arte

Ano Lectivo de 1966/67

I Introdução ao Estudo da História da Arte

- 1) Conceito de História da Arte.
- 2) Relance da Constituição e do desenvolvimento da disciplina.
- 3) Situação da História da Arte no quadro das Ciências Históricas.
- 4) História da Arte, Estética e Crítica da Arte.
- 5) Divisões da História da Arte.

II A arte da Idade Média na Europa Ocidental

- 1) O Românico
 - a) raízes e desenvolvimento da arte românica;
 - b) caracterização genética da arte românica;
 - c) a arquitectura religiosa e a arquitectura militar;
 - d) a escultura;
 - e) pintura mural e artes decorativas.
- 2) A arte gótica
 - a) do Românico ao Gótico: tradição e inovação;
 - b) Gótico setentrional e Gótico "mediterrâneo";
 - c) a arquitectura religiosa e a arquitectura profana;
 - d) a escultura, o vitral e as artes decorativas;
 - e) a arte europeia no final da Idade Média.

ANEXO III

Programa de História da Arte Portuguesa

Ano Lectivo de 1967/68

I Introdução

A arte portuguesa no contexto da arte do ocidente. Geografia monumental. Relance da actividade artística nacional até ao período contemporâneo. Para uma caracterização genérica do património artístico português.

II

1 - A arte românica

- a) O românico no Noroeste e no centro do País.
- b) A arte episcopal e a monástica.

2 - A arte gótica no Continente

- a) - a fase experimental e os Cistercienses
- b) - monumentos das ordens mendicantes
- c) - pintura, escultura e artes decorativas.

3 - A arte quinhentista e no início do século XVII

- a) - o gótico final português e a sua expansão.
- b) - introdução ao Renascimento
- c) - a arte maneirista no Continente e no espaço português da Ásia e da América.

4 - Conjuntura seiscentista: a herança do maneirismo e o acolhimento do alto barroco.

5 - Manifestações do barroco tardio. A arte rococó no Norte e no Sul do país. Difusão dos novos ideários no Nordeste do Brasil, no Rio de Janeiro, em Minas Gerais. Primórdios do Neoclassicismo.



Agradecimentos

Este artigo só foi possível graças à amável colaboração da sr^a D. Ana Júlia Pais da Silva, que nos facultou o Curriculum Vitae elaborado pelo próprio professor, e ao Dr. Mário Sérgio Pais da Silva Bonito que connosco trocou valiosas impressões e memórias das suas conversas com o tio. A ambos o meu obrigado.